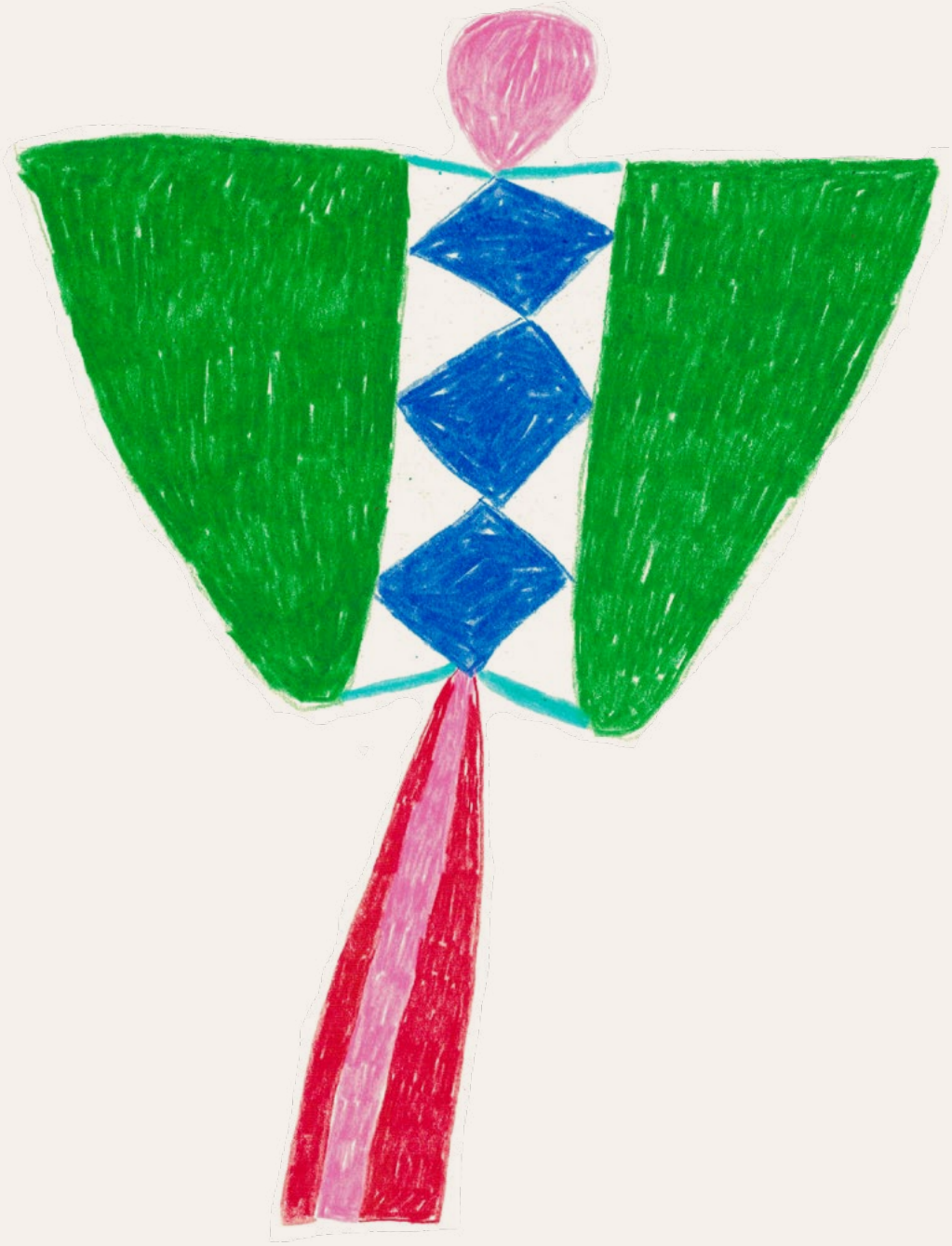
Caderno de Leituras n.164 | 2023

Nós estamos de volta



Maria Gabriela Llansol

Nota da editora

“Nós estamos de volta” foi lido por Maria Gabriela Llansol em Paris, durante o evento *Les Belles Étrangères*, em 23 de outubro de 1988. Foi publicado em: Maria Gabriela Llansol. *Lisboaleipzig 1:* O encontro inesperado do diverso. Lisboa: Rolim, 1994 e republicado em: Maria Gabriela Llansol. *Lisboaleipzig:* O encontro inesperado do diverso / O ensaio de música. Lisboa: Assírio e Alvim, 2014. Este Caderno segue a publicação de 2014 e mantém a variação de grafia do português de Portugal, anterior ao Acordo Ortográfico de 1990. Agradecemos ao Espaço Llansol a autorização para esta publicação.

_____ alguém, na conversação, lançou o tema "Os Prosadores Portugueses na Europa" e, quando chegou a minha vez de falar, vi que há muito vinha pensando sobre a Europa, mas não assim. E participei na conversa como se dela me alheasse: eu não tinha lugar naquele tema, mas havia no pensamento um lugar benéfico para ele.

E dei comigo, pela amável pressão de Pierre Léglise-Costa, a trocar com os outros a minha maneira de ver, procurando com economia de palavras não desnaturar as intuições que aqui me trazem. Digo-vos assim:

Nós estamos de volta. Sim, é verdade. Apesar de tão longamente ausentes, nós estamos de volta, e não somos os exóticos por que talvez esperáveis. Entre nós, não há ninguém que vos consiga explicar, de ciência certa, o que connosco sucedeu. Conjecturemos.

Há muitos anos, quando comecei a viver na Bélgica, sem pressentir que seria por tantos,[1] esta nossa longa ausência fez-me uma profunda impressão. Estava eu no *Béguinage* de Bruges, com o sentimento fortíssimo de que já ali teríamos estado. Nós, não era eu. Já ali tínhamos sido alguém, alguém daquele lugar, e agora, inexplicavelmente, não havia ali, excepto na minha impressão, nenhuma memória de nós. Nem sequer o esquecimento. Data de então a presença constante, invasora e quase

1 Maria Gabriela Llansol viveu em Lovaina (1965-1975), Jodoigne (1975-1980) e Herbais (1980-1985), na Bélgica. Retornou a Portugal em 1985 e viveu em Sintra até a sua morte, em 2008. [N. E.]

exclusiva, de certas figuras europeias nos meus livros. Dessa impressão indelével e também, o que pela primeira vez recordo, da tentativa inabalável de conduzir à fala e à convivência de grupo uma criança espanhola aparentemente autista que fora levada à escola onde eu ensinava.[2]

Fez-se ali o nó de que depois desfiei o texto. Comecei nas beguinas; destas, passei a Hadewijch, a Ruysbroeck. Destes, a João da Cruz e a Ana de Peñalosa. Fui conduzida por todos eles a Müntzer, à batalha de Frankenhausen e à cidade utópica de Münster, na Vestefália. Nos restos fracassados destes homens encontrei Eckhart, Suso, Espinosa, Camões e Isabel de Portugal. E foi por sua mão que fui até Copérnico, Giordano Bruno, Hölderlin, que todos eles anunciavam Bach, Nietzsche, Pessoa, e outros que a nossa memória ora esquece, ora lembra tão intensamente que me parece outra forma de os esquecer.

De esquecer tudo *isso*.

E para que nó central apontavam essas linhagens, caso ele existisse? Falo-vos daquele que, no meu espírito, surgiu, mais multifacetado e com mais pujança.

Neste século XVI longínquo, surgiu nas elites europeias a angustiante interrogação sobre o destino da sociedade civil, sobre o porquê da vida social dos homens, face ao fracasso histórico das cruzadas e à perda da autoridade moral da Igreja. Assim falam os livros de História. Mas o que se sente que emerge, então, é a força do livre arbítrio, do pensamento livre e da consciência, no saber e no dom poético.

Tentam-se então duas soluções. E foram essas que nos dividiram e fizeram de nós ausentes. O centro-europeu procurou uma resposta nas revoluções sociais e mentais, de que Copérnico e as guerras de camponeses são prováveis emblemas. Nesses caminhos, procurou-se

2 Sobre essa criança, bem como a experiência de Maria Gabriela Llansol na Escola da Rua de Namur, que ajudou a fundar e a conduzir durante a década de 1970, na Bélgica, ver: Maria Carolina Fenati. Caderno de Leituras n. 152 – *Aprender e escrever: Maria Gabriela Llansol e as crianças da Escola da Rua de Namur*. Belo Horizonte: Chão da Feira, 2022. Disponível em: https://chaodafeira.com/catalogo/caderno152/ [N. E.]

uma remodelação parcial ou total da paisagem humana, de modo a fazer emergir novas vivências secularizadas, naturais, livres. Pelas descobertas, à Peninsula Ibérica e, nela, sobretudo aos Portugueses, a resposta pareceu ser a desvenda de novos espaços, simultaneamente virgens de condicionalismos europeus (e onde tudo, pois, pudesse começar *de novo*) e cheios de potencialidades de nova riqueza.

Mas nada se passou exactamente assim.

Excepto que foi este o ponto de partida, logo desde início quebrado no seu modo, mas não no seu intento, na batalha perdida de Frankenhausen. Esse o lugar do Bouvines europeu, a tal ponto que eu digo, mas não demonstro, que foi essa batalha, esse intento quebrado no modo, que exportámos nas caravelas.

Hoje e aqui, nós todos sabemos que voltámos a casa. Que a Europa voltou ao seu espaço de partida. Mas todos sabemos, também, que sem querer ou talvez não, nesse rasto de retorno, deixámos atrás de nós e conosco, e nós nela, a espécie humana policentradamente unificada. E que ela, misteriosamente, se fez em torno desse signo.

Essa foi a herança que recebemos. Esse o tema, talvez escondido, da nossa conversação: como reconduzir essa herança ao seu ponto de partida.

Porque, na verdade, no nosso alheamento, nós suspeitamos que não fomos os únicos ausentes.

Quando, há anos, fui em peregrinação a Münster, não encontrei ninguém que me soubesse dizer o que eram e o que faziam numa das torres da Igreja de São Lamberto as gaiolas que ali se encontram dependuradas. Numa delas havia sido exposto, depois de o seu coração ter sido trespassado com uma lâmina aquecida ao rubro, o corpo de Jan van Leyden. Ninguém sabia. Não encontrei uma única livraria onde se vendesse qualquer obra sobre anabaptistas. Talvez tivesse batido a má porta. Mas digo-vos que bati, na esperança de que talvez se abrisse a

memória do ponto de partida. Porque o problema inicial, quinhentos anos depois, está ainda por resolver.

Desta Europa não falam as literaturas europeias, ou muito raramente.

A prosa portuguesa não é uma excepção. Só que a portuguesa não falou desta, e pouco tem escrito sobre as outras Europas. A Europa não é um tema positivo, não é casa nossa; o seu futuro não é ainda também pertença nossa. E, todavia, nós estamos de volta. É curioso que, talvez sem que o saibais, nem que nós mesmos saibamos, talvez, nós não vimos de mãos vazias, no que respeita à arte de escrever, sobretudo na prosa, que persiste em reescrever-se na área do romance.

O meu país não conheceu nunca nenhuma revolução social significativa. Não há um só português digno de figurar na história do pensamento sistemático. Entre nós, é pacífico que pouquíssimas obras poderão figurar entre os grandes romances, a nível europeu. Críticos houve, e conceituados, que nos declararam como definitivamente incapazes de tal proeza. À força de nos inscrevermos negativamente nesse género, e contra ele, embora o desejando, acabámos por criar caminhos originais, ínvios e ricos, a cujas virtualidades prestámos, no entanto, tão pouca atenção. Todos esses "defeitos", reunidos, a que acrescentarei a fraquíssima amplitude temática dos nossos textos, originaram, paradoxalmente, em termos de técnica e estética, propostas variadas e de longo alcance.

Em tempos, escrevi que não havia literatura. "Quando se escreve", disse então, "só importa saber em que real se entra, e se há técnica adequada para abrir caminho a outros." Continuo a pensá-lo. Por isso vos digo que é certo que não voz trazemos grandes romances. Não conseguimos aclimatar e expandir esse género emblemático do nosso ofício. Mas não vimos, contudo, de mãos vazias, e não será o exótico do parente pobre que vos poderá atrair em nós. Para o intento que mais vos poderia interessar, ou seja, como reconduzir a herança que recebemos ao seu ponto de partida ou, de outro modo, ainda, como dispensar o Príncipe e o Poder sem a sombra do seu sangue vertido, à luz deste intento, dizia,

o que vos trazemos não é despiciendo. Quem traz algumas mutações estilísticas, algumas propostas poderosas de mutação do olhar pode não ser bem-vindo mas não pode, de certeza, ser dispensado.

A este respeito, só uma palavra mais: é talvez bom que não tenhamos conseguido escrever esse romance português, porque este foi, na linguagem e na estética, um dos modos do esquecimento de que acima vos falei.

Referi-me, há instantes, aos Príncipes e ao Poder. Instintivamente, apercebe-se o que seja. Tanto mais que, na história social europeia, jamais um princípio organizador dos homens, quer seja o sangue, a raça, o dinheiro, o mérito, a ideologia, se conseguiu impor duradouramente, e jamais algum deles adquiriu um estatuto metafísico, propiciador de subserviências bem consentidas. Criámos, assim, um espaço para a evolução do possível e, sobretudo, para a emergência do imprevisível. Esse o ponto de encontro desejado da consciência livre com o dom poético. Encontro que, quando se afirma, liquida em nós a apetência pelos Príncipes e pelo Poder. O encontro-coincidência chegará mais vezes, virá para ficar mais tempo. É esta uma das virtualidades da Europa.

É minha convicção que, na linguagem dos homens, as palavras que nos libertam do Poder desde sempre lá se encontram disponíveis, que lá repousam as palavras que darão outro desfecho à batalha de Frankenhausen.

Que esse pode ser o nosso intento, a utilidade mais óbvia da nossa técnica de artesãos da escrita.

Nós suspeitamos todos de que não há mais Norte, nem alguém que no-lo diga. Pôr-se de novo a caminho é o único caminho.

Gostaria que os compatriotas europeus, ensinados por tantas batalhas perdidas, se reencontrassem para isso. Sobretudo para isso.

Caderno de Leituras n. 164 | 2023

Nós estamos de volta
Maria Gabriela Llansol

Edição
Maria Carolina Fenati

Revisão
João Barrento, Andrea Stahel

Projeto gráfico
Luísa Rabello, Rita Davis

Imagem da capa
Dolores Orange

Coordenação da coleção
Luísa Rabello, Maria Carolina Fenati

Composto em Acumin Pro e Georgia

ISSN 2764-3301

Edições Chão da Feira
Belo Horizonte, junho de 2023

Esta e outras publicações da editora
estão disponíveis em www.chaodafeira.com